

VITORINO, Manuel

*gov. BA 1889-1890; sen. BA 1891-1894; vice-pres. Rep. 1894-1898; pres. Rep. 1896-1897.

Manuel Vitorino Pereira nasceu em Salvador no dia 30 de janeiro de 1853, filho de Vitorino José Pereira e de Carolina Maria Franco Pereira. Seu pai, marceneiro português, chegou à Bahia na década de 1830 e aí estabeleceu uma oficina e loja de móveis. Sua mãe era filha de comerciantes portugueses. Os quatro irmãos tiveram profissões variadas: um marceneiro, um padre, um médico e um militar que morreu na Guerra do Paraguai.

Na infância, Manuel Vitorino foi aprendiz na loja de móveis do pai, trabalhando como marceneiro por seis anos. Mais tarde, seguindo o exemplo do irmão Antônio Pacífico Pereira, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia. A partir do segundo ano do curso, passou a se sustentar dando aulas particulares de química. Formou-se em 1876, apresentando tese de doutoramento sobre “Moléstias parasitárias mais frequentes nos climas subtropicais”. No mesmo ano, ingressou no Partido Liberal, liderado na Bahia pelo senador Manuel Pinto de Sousa Dantas. Foi professor substituto de ciências acessórias, disciplina que reunia conhecimentos de física, química, mineralogia, medicinal legal e farmácia. Pouco depois, aos 25 anos, tornou-se catedrático de medicina legal. Entre 1879 e 1880 fez uma viagem à Europa que o estimulou a desenvolver ideias políticas e abolicionistas. De volta, foi aprovado em concurso para professor de clínica cirúrgica (1883), conquistando sua segunda cátedra na Faculdade de Medicina.

A partir de abril de 1885, assumiu a secretaria do diretório do Partido Liberal na Bahia e a chefia de redação do *Diário da Bahia*, jornal vinculado ao partido. Aí publicou artigos, criticando o gabinete chefiado por João Maurício Wanderley, o barão de Cotegipe. Foi o início de sua carreira política. Em maio de 1889, na convenção nacional do Partido Liberal, no Rio de Janeiro, acompanhou Rui Barbosa num voto em separado em defesa do federalismo e do fim da vitaliciedade dos senadores. Em 15 de novembro do mesmo ano, o regime monárquico foi derrubado por um golpe militar que proclamou a República. Na

Bahia, onde o movimento republicano contava com poucos representantes, o novo regime só foi proclamado dois dias depois.

O primeiro governador empossado foi Virgílio Damásio, vice-presidente do Partido Republicano da Bahia (PRB). Porém, cinco dias depois, Virgílio deixou o cargo por pressões políticas, vindas especialmente de Rui Barbosa, que desejava que o posto fosse ocupado por Manuel Vitorino. Este relutou antes de aceitá-lo, por não integrar o grupo dos chamados “republicanos históricos”, mas assumiu o governo do estado no dia 23 de novembro. No ato de posse, declarou extintos os antigos partidos Liberal e Conservador, remanescentes do Império. Entre várias medidas voltadas para a educação, promulgou um ato criando o ensino primário obrigatório e leigo. Seu governo durou apenas cinco meses. Manuel Vitorino não se sustentou politicamente no cargo, especialmente depois que grupos adversários organizaram um comício para, ao mesmo tempo, pedir sua saída do governo e homenagear o marechal Hermes Ernesto da Fonseca, irmão do presidente Deodoro e comandante das armas na Bahia. Ao reprimir a manifestação, Manuel Vitorino foi censurado por Deodoro e pediu exoneração. Deixou o governo em 26 de abril de 1890, passando-o ao marechal Hermes Ernesto.

Ainda em 1890, Manuel Vitorino candidatou-se a deputado federal constituinte, mas, apesar de bem votado, não teve sua eleição reconhecida. No ano seguinte, eleito senador estadual pelo Partido Federalista da Bahia, foi um dos principais formuladores da Constituição do estado, tendo assumido a defesa do presidencialismo e de um Executivo forte. Em 1891, ocupou uma cadeira no Senado Federal, na vaga aberta pela renúncia de José Antônio Saraiva. A partir de então, aproximou-se do grupo político do vice-presidente Floriano Peixoto, afastando-se de Rui Barbosa, que lhe fazia oposição. Em 1893 participou ativamente da reunião de fundação do Partido Republicano Federal (PRF), o primeiro partido criado com o objetivo de obter representatividade nacional. Reeleito, em setembro do mesmo ano foi indicado candidato do PRF à vice-presidência da República, formando chapa com o paulista Prudente de Moraes, candidato a presidente no quadriênio 1894-1898. Ambos foram eleitos, na primeira eleição presidencial direta do país. Na condição de vice-

presidente, acumulou a presidência do Senado, conforme estabelecia a Constituição da época. Elaborou, também, um estudo sobre o saneamento do Rio de Janeiro. No dia 10 de novembro de 1896, assumiu a presidência da República devido ao afastamento de Prudente de Moraes, por motivo de doença.

Ligado aos partidários de Floriano Peixoto, os chamados jacobinos, Manuel Vitorino não mantinha boa relação com o presidente afastado. Em seu governo, procurou colocar em prática suas próprias idéias e interesses políticos. Mudou ministros, comprou nova sede para o governo federal, o palácio do Catete, arrendou estradas de ferro a companhias estrangeiras para saldar compromissos da dívida externa e, atendendo a solicitação do governador da Bahia, Luís Viana, mandou a terceira expedição federal, sob o comando do coronel Moreira César, cognominado “o Treme-Terra”, para reprimir o movimento de Canudos. O fracasso dessa expedição, com a morte do temível coronel, teve desastrosa repercussão nacional.

A presidência Manuel Vitorino manteve-se apenas quatro meses. No dia 4 de março de 1897, sem qualquer aviso, Prudente de Moraes apresentou-se para reassumir o cargo. Retornando à condição de vice-presidente, Manuel Vitorino aliou-se à oposição. Em 5 de novembro de 1897, na chegada ao Rio de Janeiro dos militares vitoriosos em Canudos, Prudente de Moraes foi alvo de um atentado. O soldado Marcelino Bispo de Melo não conseguiu atingir o presidente, mas acabou matando, a punhaladas, o marechal Carlos Machado Bittencourt, ministro da Guerra.

O vice-presidente Manuel Vitorino foi indiciado no inquérito sobre o atentado, acusado de envolvimento. Respondeu com um *Manifesto* em que proclamava inocência. Seu nome não foi incluído no despacho final do processo, mas sua carreira política não teria mais futuro. Findo o mandato, passou a atuar no jornalismo, publicando críticas ao novo presidente Campos Sales, sucessor de Prudente de Moraes, no *Correio da Manhã*. Nessa época, provavelmente como represália, o governo vetou a prorrogação de sua licença da Faculdade de Medicina da Bahia, o que inviabilizava sua permanência no Rio de Janeiro. Adoeceu subitamente de colibacilose intestinal quando preparava seu retorno a Salvador. Faleceu

quatro dias depois, aos 49 anos, no dia 9 de novembro de 1902, no Rio de Janeiro.

Foi casado com Maria Amélia da Silva Lima, filha de José Francisco da Silva Lima, seu professor na Faculdade de Medicina. O casal teve oito filhos.

Silvia Noronha Sarmiento

FONTES: KOIFMAN, F. *Presidentes*; SAMPAIO, C. *Partidos*; SENADO. *Períodos Legislativos da Primeira República-1890-1934* . Disponível em: <<http://www.senado.gov.br>>. Acesso em: 14/10/2005; TAVARES, L. *Manoel*.